

**AFONSO LOMONACO: A VISÃO DE UM VIAJANTE EUROPEU SOBRE O
BRASIL DO FINAL DO SÉCULO XIX****Flávia Arlanch Martins de OLIVEIRA**

RESUMO: O presente artigo trata das visões deixadas a respeito do Brasil pelo viajante italiano Affonso Lomonaco em seu livro *Al Brazile*¹. Mostro, que, como seu roteiro de viagem restringiu-se somente aos locais aonde a ferrovia chegava, seus relatos a respeito da sociedade brasileira ficaram circunscritos ao que viu nos ambientes urbanos. Também pelo fato de ser europeu de origem cidadina, suas impressões aparecem profundamente marcadas por valores burgueses e racistas.

PALAVRAS-CHAVE: viajante, cidade, sociedade

ABSTRACT: This article depicts the views left by the Italian traveller Affonso Lomonaco about Brazil in his book *Al Brazile*¹. I show, that, as his itinerary was limited only to places where the railroad served, his accounts about the Brazilian Society were limited to what he saw in the urban environments. Also, because he was a city born european, his impressions are presented deeply marked by bourgeois and racist values.

KEY-WORDS: traveller, city, society

O médico italiano Afonso Lomonaco, viajante que percorreu áreas cafeeiras do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, ao escrever seus relatos no livro *Al Brazile*, demonstrou estar profundamente marcado pela visão de mundo então dominante na Europa. Homem citadino, preferiu o conforto do trem como meio de locomoção para realizar suas viagens. Seus relatos e avaliações a respeito das formas de viver do brasileiro ficaram assim restritos à vida urbana das cidades localizadas ao longo das ferrovias, e em especial daquelas que ofereciam boas condições para sua estadia.

Saindo de Gênova em 20 de setembro de 1885 e chegando ao Rio de Janeiro em 12 de outubro do mesmo ano, permaneceu no Brasil até meados de 1888. Por ter preferido um meio de transporte rápido, diferentemente da maioria dos viajantes que dependiam do lombo de animais para percorrerem o interior do Brasil, contou com mais tempo a fim de observar as peculiaridades dos locais escolhidos como pontos de parada. Por outro lado, desconsiderou o Brasil rural, deixando assim de verificar as formas de viver da maior parte da sociedade brasileira, que então vivia distante das cidades, restringindo assim consideravelmente sua avaliação. Dessa forma, a sociedade escravista avaliada sob vários aspectos pelos demais viajantes, aparece em seu texto de forma diluída. Assim as questões pertinentes à composição

da sociedade rural brasileira bem como as diferentes maneiras de sobreviver no sistema escravista, tão bem percebidas por vários viajantes², não aparecem em seus relatos.

Contudo, Lomonaco não se ateve apenas ao que viu, foi além. Preocupado em dar ao leitor europeu um melhor entendimento a respeito do Brasil, lançou mão de uma bibliografia que tratava do passado das principais cidades por onde passou, sobretudo Rio de Janeiro e São Paulo. Todavia, com exceção das obras Saint Hilaire e Spix e Martius, que apareceram mencionadas no corpo do texto, não teve a preocupação de indicar suas fontes de informação. Possivelmente as leituras que fez dos relatos desses dois viajantes foram muito proveitosas na medida em que lhe apontaram caminhos para organizar o texto numa perspectiva de narrativas de viagem.

Não dispomos de informações que nos ajudem a esclarecer a motivação da viagem de Lomonaco, e em seu texto também não há pistas a respeito da finalidade da sua vinda ao Brasil. Contudo, as escolhas que fez tanto em termos de roteiro, como o que determinou como importante para dizer, parecem partidas de uma decisão pessoal, o que nos faz supor que ele tenha vindo com recursos próprios, praticando assim, de certa forma, um prenúncio do turismo moderno, ou seja, com os propósitos de “um novo tipo de viajante que surge no século 18 em conexão com as transformações econômicas e culturais na Europa do Iluminismo e da Revolução Industrial... Um viajante dispendo acima de tudo de recursos e tempo ... de viajar por puro prazer e por amor à cultura”³.

Seu principal objetivo, como ele mesmo declarou na introdução de seu livro, foi apresentar a seus leitores os usos, costumes e aspectos gerais da sociedade brasileira. Portanto, embora o consideremos um viajante, uma vez que percorreu parte significativa de uma região brasileira descrevendo o que viu, distancia-se dos propósitos dos demais viajantes que exploraram o interior brasileiro ao longo do século XIX com objetivo de registrarem os mais variados aspectos do território e da sociedade brasileira.

Durante sua permanência nas cidades que visitou, procurou inteirar-se das suas peculiaridades, demorando-se nos locais onde tinha a oportunidade de se enfronhar mais na vida dos moradores. Seus relatos aparecem entremeados de interpretações que expõem de forma contundente o sentimento de estranhamento do europeu que já vivenciava a modernidade, por isto, expressou com muita riqueza de detalhes o que considerou insólito, esquadrinhando especificidades do universo cultural da sociedade do centro sul do País e criando, assim, uma representação da vida dos homens que viviam nessas paragens. Com critérios excludentes, limitou-se em especial às formas de viver dos segmentos mais privilegiados da sociedade.

Dessa maneira, quando se propôs a descrever a composição étnica do povo brasileiro, tomou como parâmetro sua aparência física, e com este critério dividiu-a em dois grandes grupos: uma minoria composta por europeus descendentes de portugueses e uma maioria que resultou do cruzamento do português com o negro africano. O negro não entrou nessa

classificação, uma vez que não o considerou parte integrante da sociedade brasileira, e o indígena foi ignorado. Contudo, mesmo tendo claro que a maioria da população resultava de um processo de miscigenação, estando o seu segmento mais pobre mais distante das formas de vida do europeu, decidiu por preconceito ou alguma forma de receio, não se imiscuir nesses espaços sociais, preferindo vê-los à distância. Tanto que, embora sua passagem pelo Brasil tenha se dado ainda sob a vigência do regime escravista e em plena efervescência do movimento abolicionista, quase nada revelou a esse respeito. Quando em alguns pontos de sua narrativa fez menção aos negros, nem sequer levou em conta a distinção entre cativos e libertos. Sua intenção ao falar deles foi mais para desqualificá-los do que propriamente contextualizá-los no quadro da cultura brasileira. Foi, portanto, apoiando-se nas doutrinas racistas que dominavam o pensamento europeu do século XIX, que Lomonaco analisou a população brasileira.

Também, pela mesma razão, embora ciente das diferenças étnicas dessa população, não percebeu ou não quis levar em consideração as diversidades de seus hábitos e costumes, circunscrevendo suas observações aos espaços sociais das camadas mais diferenciadas da sociedade, ou seja, daquelas que detinham padrões culturais mais próximos da sociedade européia. Por outro lado, parece que Lomonaco, ao se mostrar como um europeu culto, viu as portas das casas aristocratas se abrirem para ele e, talvez por isso, visando a não ferir as vaidades provincianas de seus hospedeiros, ao relatar os usos e costumes principalmente das cidades interioranas, procurou ser muito cuidadoso ao fazer restrições às formas de vida de seus habitantes. Assim, deixou suas impressões negativas para ser tratadas nos capítulos nono e décimo, quando abordou em termos genéricos o que considerou específico da sociedade brasileira. O escritor não poupou adjetivos para descrever a vida naquelas cidades, procurando evidenciar aspectos que considerou não condizentes com valores então considerados civilizados.

Do primeiro ao oitavo capítulos, nos quais relatou as especificidades dos locais por ele visitados, adotou um mesmo esquema narrativo, obedecendo aos seguintes passos: iniciou pelas paisagens que podiam ser observadas ainda do trem (no caso do Rio de Janeiro, do navio); em seguida mencionou suas características geográficas, a estrutura urbana, a arquitetura, e por último apresentou as particularidades da vida social. No tocante a este aspecto não seguiu um mesmo plano de exposição, preferiu ater-se a algumas peculiaridades que cada localidade apresentava.

Ao relatar sua chegada à cidade do Rio de Janeiro, sua porta de entrada no Brasil, principiou por destacar a paisagem que dominava a baía da Guanabara. A descrição que fez a respeito deixa entrever seu sentimento de deslumbramento diante da singularidade da paisagem tropical, utilizando expressões como: “a natureza profusa”, “o esplendor” e “a magnificência”. De certa forma, sua narrativa não deixa de remeter à visão do paraíso terrestre, que tanto alimentou o imaginário europeu desde a época dos descobrimentos. Mas ao

embrenhar-se no espaço da cidade, foram os valores da sociedade burguesa do século XIX que serviram de medida para seus julgamentos. Como entrou no Rio de Janeiro pela área portuária, região mais antiga e mais deteriorada da cidade, suas primeiras impressões foram muito negativas, chegando mesmo a afirmar que, de imediato, foi tomado por um sentimento de repugnância. Para transmitir ao leitor toda crueza daquela realidade, a desqualificação passou a ser o seu mote principal. Dizia que o “odor nauseabundo golpeava o olfato”, e que grande parte das pessoas que ali circulavam mostrava rostos esquisitos parecendo “certas máscaras horríveis de negros e mulatos”.

Ao relatar o que viu na cidade do Rio de Janeiro, prendeu-se mais ao que lhe pareceu estranho, como o aspecto das ruas, das casas comerciais, do que era comercializado, das disposições das mercadorias expostas, dos teatros, restaurantes e cervejarias, das particularidades da Rua do Ouvidor. Considerou um luxo exagerado a forma como a maioria das mulheres se vestia para circular por essa rua ou ir ao teatro. Ainda tratou do gosto do carioca pelos jogos de loteria e do grande número de prostitutas que circulavam pelas ruas. Ficou indignado com a tolerância que se tinha em relação a elas. Impressionou-o a presença dos “capoeiras”, que segundo ele, formavam uma categoria social, mantendo uma organização nas formas de agir e de se apresentarem publicamente. Essas peculiaridades, em boa medida, oferecem ao leitor contemporâneo certas visões inusitadas da vida da capital do Império no final do século XIX.

Contudo, como ele mesmo afirmou, enquanto foi conhecendo melhor o espaço urbano daquela cidade e entrando em contato com as pessoas que ali habitavam, pôde apreciar melhor o que de belo e interessante ela oferecia. E afirmou que quando começou a identificar, fora da área antiga, uma estrutura urbana e um conjunto arquitetônico mais moderno, suas impressões negativas foram-se desfazendo. Mas seguramente, pelo fato de essa arquitetura urbana ter sido copiada de modelos europeus, não se deteve muito em narrar o que nelas viu de semelhante com as cidades do velho continente.

Na província do Rio de Janeiro visitou as cidades de Niterói, Petrópolis e Nova Friburgo, sendo que, com exceção de Petrópolis, da qual acentuou a exuberância da natureza que a circundava, o aspecto de seu conjunto arquitetônico e sua forma da vida social, pouca coisa relatou a respeito das demais.

Na província de São Paulo, foi a capital a primeira cidade que visitou. Ali, a presença maciça de europeus, principalmente italianos, e a exígua representatividade de negros e mulatos foram fatores importantes que o levaram a demonstrar uma simpatia especial pela Paulicéia. Desse modo, depois de expor rapidamente sua geografia e seus aspectos materiais, que considerou agradáveis, completou dizendo que depois de ter saído da triste e pestilenta Rio de Janeiro, teve grande prazer em permanecer naquela cidade, uma vez que apresentava uma organização mais européia.

São Paulo despertou-lhe muita atenção pela presença dos estudantes da Faculdade de Direito do largo de São Francisco, tanto que a eles dedicou algumas páginas. Pelo rumor que provocavam na cidade, considerou-os um dos segmentos mais interessantes da população paulista. Pormenorizou suas aparências físicas, seus comportamentos na rua, suas vestimentas, seus interesses, suas origens sociais, e até relatou detalhadamente uma cerimônia da colação de grau que presenciou naquela faculdade.

Sua convivência com setores mais diferenciados da população da capital da Província deve ter sido bem intensa, uma vez que conseguiu elaborar um juízo a respeito de algumas formas de pensar da elite paulistana. É importante frisar que Lomonaco passou por São Paulo no ano de 1887, momento em que o separatismo paulista adquiriu uma fisionomia bastante definida, alimentado em grande parte por políticos que freqüentemente publicavam nos jornais locais artigos cujo escopo era sustentar a idéia de “pátria paulista”. Nesse sentido, chamou-lhe a atenção o desdém que os paulistas manifestavam quando se referiam aos demais habitantes do Brasil, e sua insistência de que era na sua Província que batia o coração do País. Declarou que eles acreditavam sinceramente serem formados por uma massa mais civilizada, se comparada aos demais habitantes do Brasil. Segundo ele, esse sentimento estava presente em qualquer vilarejo dessa Província. Como representante da elite italiana e certamente tomado por um sentimento patriótico que tencionava soldar as fissuras do regionalismo italiano pós-unificação, considerou negativa essa disposição dos paulistas, argumentando que o forte regionalismo estabelecia tênues laços com as demais províncias brasileiras.

Entre os locais interessantes que visitou em São Paulo, recomendou aos amantes da curiosidade que não deixassem de visitar, foi o Museu Sertório, e explicou: “de propriedade de um riquíssimo senhor”. Fez um sucinto relato das principais coleções que ali estavam expostas e afirmou que esse foi um dos mais ricos entre os museus privados que conheceu. É importante dizer que seis anos depois, em 1893, o Museu do Ypiranga adquiriu toda essa coleção, e “com esse material foi inaugurado oficialmente o Museu Paulista” no ano seguinte⁴.

Portanto, o detalhamento que dispôs concernente à vida e ao comportamento dos estudantes de Direito, bem como a imagem que formou sobre as principais características dos ideais dos paulistas e os locais visitados, indica que os espaços sociais pelos quais mais circulou em São Paulo foram os da classe dominante. Mesmo a forte presença do imigrante italiano nessa cidade não o levou a se inteirar a respeito das condições de vida de seus conterrâneos.

Com relação a Campinas, onde permaneceu por quatro meses, além da descrição dos aspectos gerais da cidade, prendeu-se a dois pontos que avaliou como sendo especificidades desse espaço urbano. Em primeiro lugar destacou o gosto musical dos campineiros, estimando que isto se dava não só por ser a terra de Carlos Gomes, mas também pelo grande número de bandas de música presentes na cidade. Esse fato o impressionou tanto, que o levou a considerar Campinas como a capital artística da província. Em segundo lugar, foi a atuação do

Partido Republicano que lhe despertou a atenção, pois, segundo ele, além de possuir um grande número de afiliados, contava com a participação de mulheres e filhas dos ilustres republicanos. Seu convívio com os republicanos campineiros deve ter sido bastante próximo e prolongado porquanto, como afirmou, teve a ocasião de assistir a várias conferências republicanas, asseverando que isto lhe permitiu avaliar o modo como se discutia e entendia a política no Brasil. Dedicou algumas páginas de seu texto esmiuçando o que observou a respeito da atuação e do comportamento dos republicanos campineiros. Arrematou dizendo que considerava insolente a forma como tratavam a monarquia.

Pelo que expôs, fica visível que também em Campinas Lomonaco circulou mais pelos ambientes sociais da elite local. Mesmo quando fez referência a seus compatriotas radicados naquela cidade, nota-se que seu contato com eles restringiu-se aos que faziam parte do “Círculo Italiano”, espaço que congregava, na sua concepção, o melhor segmento daquela colônia.

Com relação às demais cidades paulistas que visitou, limitou-se apenas a fazer um breve relato no tocante à geografia e à estrutura urbana. A cada uma delas dedicou um ou outro comentário a respeito da vida social. Foram elas: Rio Claro, São Carlos, Jundiaí, Itu, Salto de Itu, Piracicaba, Sorocaba, Santos e Parayba do Sul. Deu o mesmo tratamento às cidades mineiras por onde passou: Juiz de Fora, Barbacena e São João del Rei.

Entretanto, não resta dúvida de que foram as impressões que teve em relação aos aspectos materiais e da vida social dessas cidades que lhe deram subsídios para elaborar os capítulos nos quais descreveu longamente alguns usos e costumes do Brasil. Sem nomeá-los, expressou de forma direta e contundente todo o seu estranhamento às especificidades do viver do brasileiro.

Quando se voltou para a questão das moradias, fez logo uma ressalva, afirmando que não podia fazer uma descrição geral a esse respeito, e da mesma forma não trataria das caprichosas casas de gente rica e das moradias da população mais pobre. Assim sendo, as casas nomeadas foram aquelas de construção mais uniforme, que não variavam de uma localidade para outra, e que seguiam o modelo trazido pelos primeiros colonos portugueses. Sua avaliação foi de que eram modestas, limpas, com móveis simples mas sólidos e não privados de certa elegância. Fica assim explícito que, se não pertenciam - como ele mesmo afirmou - aos mais ricos, eram evidentemente moradias de um segmento mais abastado da população. Assim, ficaram excluídas de suas considerações as formas de morar de grande parte da população que ocupava as regiões às quais ele se referiu.

Portanto, sua narrativa, filtrada pelo ideário de cidade burguesa européia, em nada se distingue das escritas pelos demais viajantes que passaram pelo Brasil ao longo do século XIX, como bem mostra José Carlos Barreiro na sua análise a respeito das “observações que esses viajantes faziam em relação a vários aspectos das cidades brasileiras do século XIX”.⁵

O mesmo se deu quando se propôs a tratar do regime alimentar do brasileiro. Neste tocante, não só desprezou as formas de alimentação da maioria da população, como também não considerou as diferenças dos costumes dos lugares por onde passou. Mas antes mesmo de começar a descrever as particularidades dessa alimentação, fez duras ressalvas ao regime alimentar do brasileiro. Observou que a comida é uma expressão da cultura e que a cozinha de uma nação é a manifestação de sua vida, e concluiu dizendo que uma parte da história de um povo se faz na sua própria cozinha; desta perspectiva viu o regime alimentar brasileiro como primitivo, ou não respondendo às exigências de um povo civilizado. Por considerar “selvagem” essa alimentação, fez incisivas restrições à incorporação da cozinha indígena entre os brasileiros. Em seguida detalhou o que considerou costumes alimentares no País, dando ênfase especial à feijoada, chegando mesmo a nomear não só seus ingredientes, mas também a forma de prepará-la.

Com relação às vestimentas, novamente foram as maneiras de trajar dos brasileiros brancos bem posicionados que ele trouxe à baila. Discorrendo a respeito, argumentou que o brasileiro se vestia com muita simplicidade, usando calça e camiseta branquíssima e, sobre estas, um longo sobretudo negro, e que em casa ele recebia suas visitas em mangas de camisa, mostrando os pés calçados ou numa pantufa de imitação francesa. Relatou o comportamento das mulheres em casa, a sua forma de trajar, tanto nos centros pequenos como nas grandes cidades, e não se esqueceu também de se referir às vestimentas das crianças.

Passou em seguida a discorrer sobre do caráter do comportamento do brasileiro. Imbuído da ideologia do trabalho de uma Europa industrial, estimou o trabalhador daqui como apático mas bondoso, e acrescentou ser a sua bondade negativa, uma vez que era caracterizada pela indolência e passividade. Sinalizou as formas como comumente recebiam seus convivas em ocasiões de festas de casamento e banquetes. Em relação a estes, fez incisivas restrições, não tanto pelo que era freqüentemente servido, mas pelo costume dos brasileiros de proferirem durante esses jantares longos discursos que, de acordo com sua avaliação, eram uma das coisas mais bizarras que viu no Brasil. Em seguida, fez um breve comentário referente às fazendas e aos fazendeiros, com seus hábitos, sua educação, e pela única vez e de forma superficial, tocou no tema da escravidão.

As descrições relativas aos modos de vida presentes nas cidades e vilas do Brasil constituem uma das partes mais interessantes de seu relato, pois, deixando de lado os espaços sociais mais diferenciados da sociedade, Lomonaco analisou o que considerou mais característico da vida das pequenas cidades interioranas. Sem nomeá-las, afirmou que a maioria desses pequenos centros, que estavam localizados mormente nas Províncias de Minas Gerais e de São Paulo, não passava de aldeias e vilarejos nascentes com algumas dezenas de anos de existência. Seus espaços urbanos eram dominados por casas baixíssimas, edificadas de taipa, ou verdadeiras cabanas feitas de bambu e barro, através das quais penetrava chuva e

vento. Acostumado ao burburinho das cidades grandes, incomodou-o a vida silenciosa desses locais que, nos seus dizeres, só era “interrompida pela passagem de tropas de burros e cavaleiros, ou pelo triste rangido dos carros de bois”. Era nos fins de semana e nos dias festivos, com a chegada dos homens do campo que ali iam para realizar negócios, ou para as práticas religiosas, que o ritmo da vida desses vilarejos apresentava uma maior agitação. Nas descrições que fez a respeito dessa movimentação, apresentou um detalhado panorama dos hábitos e comportamentos dos habitantes dos vilarejos do interior de São Paulo e Minas.

No capítulo seguinte abriu um espaço para tratar da cultura erudita brasileira, iniciando por uma rápida avaliação dos principais jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, afirmando que foi através deles que tomou contato com artigos escritos por intelectuais brasileiros. Discorreu um pouco a respeito de Aluísio Azevedo, Machado de Assis, Quintino Bocaiúva e Joaquim Nabuco. Fez, em seguida, breves considerações sobre a estrutura dos partidos e formas de fazer política.

Abriu um capítulo específico, o penúltimo, só para caracterizar as doenças no Brasil. Baseado em seus conhecimentos na área da medicina e também no apoio que teve nas leituras que fez em trabalhos de pesquisas realizadas por médicos brasileiros, descreveu minuciosamente as doenças tropicais, as áreas endêmicas, as formas de tratamento em voga, incluindo procedimentos da medicina alternativa.

Deixou por último a problemática do imigrante italiano no Brasil. Ao que tudo indica, a princípio não fazia parte de seus propósitos tratar essa questão, pois chegando no mesmo momento em que a imigração subvencionada dava os primeiros passos em direção à entrada em massa de imigrantes europeus, particularmente seus conterrâneos, talvez não se tenha dado conta, de imediato, do seu impacto. Deste modo, abordou por último, quase como um apêndice, a problemática da inserção de seus patrícios na sociedade brasileira.

Por conseguinte, não obstante o negativismo e a parcialidade com que viu as formas de vida no Brasil, é forçoso dizer que, além de arguto observador, Afonso Lomonaco soube transmitir, numa linguagem simples e direta, as particularidades da vida dos lugares por onde passou, fazendo com que seu texto se configurasse numa importante fonte de informações sobre a forma de ser de parte da sociedade brasileira no final do século XIX.

Notas

¹ LOMONACO, Afonso. *Al Brazil*: Milano, Società Editrice Libreria, 1899.

² BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

³ SALGUEIRO, Valéria. *Grand tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 22, nº 44, p. 291

⁴ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 79.

⁵ Op. Cit. P. 69.